Rego
28 de março, aos aspirantes de 1895

GENERAL MELLO REGO

28 DE MARÇO

(AOS ASPIRANTES DE 1895)

RIO DE JANEIRO
Typographia da *Gazeta de Noticias*
1895

I

O dia de hoje evoca recordações dolorosas para a marinha brasileira : é anniversario da morte do 1° tenente Antonio Carlos de Mariz e Barros, uma das mais sympathicas personalidades da brilhante e heroica pleiade de jovens

officiaes que, já ha quasi 30 annos, conquistaram virentes louros para si e glorias para a patria.

Aos moços que agora iniciam a mesma carreira em que tanto se illustrou a geração que está a findar, offereço n'esta data a noticia que segue, rapida e resumida, mas bastante para que se conheça como defendiam a honra nacional aquelles a quem elles se destinam substituir.

Será mais um estimulo, eu penso, e um exemplo a seguirem.

Sem falar dos vivos, para que não pareça intento de parcialidade, basta mencionar os de que a historia guarda os nomes com merecida veneração: Mariz e Barros, Vassimon, Henrique Martins, Silveira, Lima Barros, Teixeira Pinto, Oliveira Pimentel, Marcilio Dias, Greenalgh e outros.

Não se poderá dizer qual desses foi victima mais gloriosa.

Mariz e Barros, porém, sobresae pelo heroismo, pelo estoicismo com que encarou a morte.

1º TENENTE MARIZ E BARROS

Foi nas memoraveis jornadas de 21 a 28 de março de 1866, em aguas do Paraná, no Passo da Patria, em frente do forte de Itapirú.

Procedia-se a um reconhecimento no rio, por ordem do almirante, afim de

effectuar a passagem do exercito alliado. Commandava a operação o chefe Alvim, depois barão de Iguatemy, que a todos dava o exemplo.

A lucta, fraca a principio, fôra encarniçada e arriscadissima no dia 25. Pelejavam os nossos navios em aguas desconhecidas, recebendo fogo, não só de duas chatas que se occultavam na curva do rio e mattas da margem, onde o inimigo tambem havia postado forças de infantaria, como do forte, guarnecido de poderosa artilharia e auxiliado pelo vapor argentino *Gualiguay*, traiçoeiramente apprehendido com o *Vinte e Cinco de Maio* pelos paraguayos, em Corrientes e conduzidos, aquelle para Passo da Patria, este para Humaytá.

O *Gualiguay*, rebocando para cima uma chata que havia sido alcançada por uma bala do encouraçado *Brasil*, recebeu duas balas, uma na prôa e outra que lhe estragou a chaminé, e não appareceu mais.

Batiam-se na frente a canhoneira *Henrique Martins* e o *Tamandaré*. Commandava aquella o 1° tenente Jero-

nymo Gonçalves, que se conservou duas horas no passadiço do navio, empunhando a bolina, sob uma saraivada de balas e affrontando a morte com impavidez.

Mariz e Barros commandava o *Tamandaré*. D'elle disse alguem descrevendo os feitos d'aquelle dia :

« O heroico Mariz e Barros era o mais audaz no perigo, e a sua face, rubra de ardimento bellico, dominando o estrepito do combate com a imperiosa e unica voz de—fogo!—assemelhava-n'o ao heróe de alguma legenda titanica.»

Uma bala nossa cahiu no paiol de uma das chatas inimigas e a fez voar pelos ares. Repetiu-se a acção no dia 26, e a 27 ainda com mais ardor. A *Henrique Martins*, porém, a pedido do general Flores, tinha ido acompanhar, para protegel-os se preciso fosse, os vapores argentinos *Chacabuco* e *Buenos-Ayres,* em que o mesmo general foi reconhecer o passo de Itati, em outro ponto do rio.

Substituiu-a o *Bahia*, commandado pelo capitão de fragata Rodrigues da

Costa. No *Brasil,* de que era commandante o capitão de mar e guerra Victor Subrá, erguia o chefe Alvim o seu pavilhão.

Desde 10 horas da manhã tinha começado o combate. A's 4 horas da tarde, após 6 horas de aturado fogo, sendo intoleravel o calor, tornara-se preciso dar descanço ás guarnições, que deviam estar fatigadas.

Os estragos produzidos pela artilharia dos nossos encouraçados no forte inimigo eram visiveis. Por nossa parte, até então só tinham sido feridos o chefe Alvim, levemente, por um estilhaço de bomba, e um marinheiro do *Tamandaré.*

Retrocediam os navios, andando para ré, por não poderem dar volta, pela estreiteza do rio.

Uma bala do forte alcança o *Tamandaré* e penetra por uma portinhola da vante da casamata, e logo depois outra.

Eis como narra esse acontecimento a correspondencia de uma folha argentina transcripta pelo *Jornal do Commercio.*

«A bala ao entrar arrancara e convertera em projectis as correntes que

defendiam a portinhola, e a propria bala dando e rebotando de uma parede a outra da casamata, como que se multiplicou infinitamente.

« Das 50 a 60 pessoas que havia na casamata 34 foram feridas ou mortas. Por desgraça alli se achavam todos os officiaes e empregados do navio, exceptuando o Dr. Castro Rabello, que descera a levar um ferido á camara.

« Ainda não tinham verificado os estragos da primeira bala quando outra penetrou tambem na casamata e os veiu augmentar. Em officiaes nenhum ficou de pé. Reunidos todos perto do commandante, foram como elle victimas do desastre.

«Mortos e terrivelmente desfigurados ficaram o 2° commandante do encouraçado, o 1° tenente Vassimon, o escrivão Augusto de Alpoim e 10 praças da guarnição (13 mortos immediatamente). Mortalmente feridos foram o bravo commandante Mariz e Barros, 1° tenente José Ignacio da Silveira e 4 praças mais. (6 falleceram depois).

1° TENENTE VASSIMON

« Ficaram ainda feridos, porém com menos gravidade, os 2os tenentes Delamare e Manhães Barreto, o guarda-marinha Mascarenhas, alferes Tourinho Pinto e 11 praças da guarnição.

«Foi o 2° tenente Manhães Barreto, o unico que se podia ter de pé, quem tomou o commando do *Tamandaré* e com

bastante serenidade o trouxe ao seu fundeadouro no meio da esquadra. Aos signaes que elle fez para o navio chefe de que o commandante estava ferido e varios officiaes mortos, o almirante mandou um dos seus escalares e quatro medicos ao encontro do *Tamandaré* e elle proprio para lá seguiu apressadamente.

« Era horrendo o espectaculo que apresentava a casamato do encouraçado ao chegar alli o almirante: o sangue a alagava e destroços de corpos humanos alastravam-n'a.

«O intrepido Mariz e Barros, a quem para logo se dirigiu o almirante, jazia sustentado por imperiaes marinheiros, pois a segunda bala lhe arrancara a perna direita abaixo do joelho. Recebeu com o sorriso nos labios e apertando a mão a seu chefe, o qual escondia no intimo do peito a dor que sentia, vendo quasi moribundo um official a quem amava a par de seus filhos.»

Uma correspondencia do Passo da Patria para o *Semanario*, de Assumpção, disse que as duas pontarias que tanto

mal nos causaram, foram feitas pelo proprio commandante do forte, então coronel Bruguez, depois general.

1º TENENTE SILVEIRA

O 1º tenente Silveira, ainda vivia. A bala arrancara-lhe uma perna pelo quadril e despedaçara-lhe o braço.

Vendo chegar o almirante, apertou-lhe a mão e deu-lhe algumas explicações sobre o combate. Sentindo que ia mor-

rer, pediu uma imagem sagrada e bei-
jou-a, dizendo em seguida : «agora me
vou ; adeus, camaradas», e expirou !

Mariz e Barros, passado para o *Onze de Junho*, que servia de hospital e seguiu logo para Corrientes, foi operado, sendo-lhe amputada a perna acima do joelho, com poucas esperanças de bom resultado. Quizeram chloroformisal-o. Recusou, dizendo: «Isso é para mulheres; prefiro um charuto. Dê-m'o acceso e cortem.»

Durante toda a operação fumava sem soltar um gemido.

Adiantava-se a noite. Conhecendo que a morte se approximava, falou na esposa ausente e nos tres filhinhos, dizendo ao Dr. Carlos Frederico, que se conservava a seu lado, palavras para serem transmittidas á familia: Apertando-lhe a mão, accrescentou com lacedemonia concisão:

«Mande dizer a meu pai que eu sempre soube respeitar o seu nome...» e seus labios cerraram-se para sempre!»

Começava o dia 28, uma quarta-feira de trevas, de que só haviam decorrido 28 minutos.

Ao pai do finado, que era profundamente religioso, dirigiu o ministro brasileiro junto aos nossos alliados, o conselheiro Octaviano, esta tocante carta:

«Corrientes, 29 de março de 1866.—Exm. Sr. conselheiro Joaquim José Ignacio.—Escrevo-lhe sob a impressão do mais doloroso espectaculo! Lembrando a V. Ex. que é hoje quinta-feira da paixão de Christo, escuso recordar-lhe que todas as grandes causas exigem sacrificios immensos. Pela causa da nossa patria e pela honra do pavilhão, que V. Ex. defendeu sempre com a lealdade e dedicação de um bravo e digno official de marinha, outro bravo, tambem dedicado, tambem leal, acaba de offerecer a vida com uma intrepidez e serenidade fóra do commum.

« Este official foi.... o nosso querido Mariz e Barros. Com tanta coragem recebeu hontem os ferimentos mortaes,que cheguei a esperar poder salval-o pela pericia dos nossos cirurgiões, que eram todos seus amigos verdadeiros. Quiz eu mesmo servir-lhe de enfermeiro e dei ordem ao vapor em que me achava para

acompanhar o hospital-transporte *Onze de Junho,* quando este desceu para Corrientes com o illustre ferido. Minha esperança mallogrou-se. O meu querido Barros falleceu durante a viagem, sem se lhe ter ouvido um gemido desde o instante em que foi ferido até o momento em que expirou, conservando aliás sempre a maior presença de espirito e dedicando a V. Ex. os derradeiros pensamentos.

« Meu Exmo. conselheiro —Não lhe digo que se console: não ha consolo para um pai que perde o filho, e que filho!... Mas, apontando para os seus netinhos, lembro-me que temos a preencher o dever de tornal-os dignos da gloriosa herança do nome de seu pai.

De V. Ex. amigo e obrigado criado. —*F. Octaviano*.»

O desastre occorrido no *Tamandaré* produziu funda impressão em todo o paiz. Do sul ao norte occupou-se a imprensa com o lutuoso acontecimento, fazendo as mais sentidas referencias ás victimas.

O corpo de Mariz e Barros foi dado á sepultura no cemiterio de Corrientes.

Vassimon e Silveira foram sepultados á margem esquerda do rio, onde singela cruz amparou a sepultura de ambos, afim de que de futuro pudessem seus ossos ser transportados para o Brasil, o que não se realisou. A patria, não por ingrata, mas por força das circumstancias, não possue os ossos dos que falleceram na ingente pugna, que tantos filhos lhe roubou.

Importa, antes de ir adiante, reproduzir um episodio referido por um dos biographos de Vassimon, que retrata o seu caracter.

Por occasião do ataque de Paysandú, em dezembro de 1864, Vassimon, já 1° tenente, commandava interinamente a *Parnahyba*.

Por ordem do almirante visconde de Tamandaré, tomou posição entre a praça e a canhoneira franceza *Décidée*.

Sentiu-se o commandante desta offendido e, dirigindo-se a bordo do navio brasileiro, fez sentir que era desattenciosa e inconveniente a posição tomada.

Respondeu Vassimon que fora occupar aquelle logar por ordem do almi-

rante, e que sem que este lh'o ordenasse não levantaria ferro.

— Pois bem, observou o commandante da *Decidée* com altivez, logo que começar o bombardeio, se algum estilhaço tocar o meu navio, farei fogo sobre a *Parnahyba*.

E desde já lhe advirto que toda a minha gente é myope.

— Póde fazel-o como quizer, Sr. commandante, replicou Vassimon; nós temos a bordo duas baterias, uma para terra e outra para responder-vos. E posso affirmar que vos haveis de dar por satisfeito com a nossa resposta, pois toda a minha gente vê perfeitamente.

A esta resposta o official francez, vendo que se illudira a respeito do marinheiro a quem se dirigia, bateu-lhe amigavelmente no hombro, proferindo estas palavras:

—*Comme vous y allez, mon petit commandant! c'est bien! nous restons bons amis. Mais je vous en prie, n'en dites rien à l'amiral.*

Na noite mesma de 27 foi reorganisada a guarnição do *Tamandaré*, sendo,

para substituir Mariz e Barros, nomeado o 1° tenente Elisiario Barbosa, que commandava a *Mearin*.

Renhidissima a lucta no dia 28. Ao amanhecer, a chata paraguaya, commandada pelo sargento Marinigo, considerado um dos melhores artilheiros de Lopez, começou a atirar sobre os navios de madeira. Duas balas acertaram no transporte *Princeza de Joinville*, uma no *Riachuelo* e outra na canhoneira *Parnahyba*.

Os encouraçados *Bahia*, *Barroso* e *Brasil* tomaram posição e romperam fogo contra a chata e o forte. Aos primeiros tiros, partiu uma bala do *Bahia* em dous pedaços a peça de 68 da chata «no momento, diz Schneider, em que o artilheiro puxava o detonador.» Outros tiros metteram-n'a a pique salvando-se a tripolação a nado.

Continuaram os encouraçados a bombardear o forte até anoitecer. Tivemos um morto e 11 feridos, inclusive um official, o 1° tenente Fiuza, immediato do *Barroso*, gravemente. Este navio ficou com a chaminé das fornalhas quasi completamente estragada.

O *Bahia* foi tocado nesse dia e na vespera por 30 balas de 68, que não lhe fizeram mossa.

II

Deixemos as operações que se seguiram e os acontecimentos occorridos, antes e depois da passagem do Paraná pelo exercito alliado, até 15 de agosto de 1867, dia em que se realisou a passagem de Curupaity.

São decorridos um anno, quatro mezes e dezoito dias após as dolorosas occurrencias que ficaram resumidamente narradas.

A esquadra brasileira acha-se diante de Curupaity, prompta para entrar em acção.

« Era seu alvo, conta o relatorio do ministro da marinha de então, o conselheiro Affonso Celso, hoje visconde de Ouro Preto, era seu alvo Curupaity e a sua esperança Humaytá. »

A expedição, sob o commando em chefe do vice-almirante barão de Inhaúma, que ia na frente com a sua bandeira erguida no encouraçado *Brasil*, compunha-se de tres divisões.

Commandava a primeira, composta de encouraçados, o chefe Alvim; a segunda, composta de navios de madeira, o chefe Elisiario dos Santos, depois barão de Angra; a terceira, composta como a primeira de encouraçados, o capitão de mar e guerra Rodrigues da Costa.

Eram 6 horas e 48 minutos da manhã.

Com o *Brasil* achavam-se na frente os outros encouraçados. Cabia-lhes a

missão de forçar o passo, transpondo as baterias inimigas; os navios de madeira deviam apoial-os n'essa operação.

Guardavam aquelles a seguinte ordem: *Brasil*, dando reboque a BB ao vapor *Lindoya*, *Mariz e Barros*, couraçado novo a que se dera esse nome, *Tamandaré*, *Colombo*, rebocando a chata *Cuevas*, *Bahia* com a insignia de commandante da 3ª divisão, *Cabral*, rebocando a chata *Riachuelo*, *Barroso*, *Herval*, *Silvado* e *Lima Barros*, em que estava erguida a insignia do commandante da 1ª divisão.

Os navios de madeira, levando o *Beberibe* a insignia de commandante da 2ª divisão, prestariam auxilio aos encouraçados, seguindo-os e tomando posição proxima as baterias.

«... subiam os encouraçados, accrescenta o citado relatorio, levando desfraldadas as bandeiras alliadas, e aos gritos enthusiasticos da guerra, que saudavam a Nação e o imperador.

« Curupaity resistia com todas as potencias do desespero, enchendo os ares de medonho estrondo e não podendo

reter com a enfiada de balas os galhardos navios que seguiam seu destino.

« Nem os mesquinhos projectis de espingardas julgaram conveniente dispensar; eram elles arremessados de envolta com enormes bombas e balas de 68, que faziam mossa, sendo poucas as que realmente causavam damno.

« Os torpedos, as estacadas, os obices, emfim, que a pericia de engenheiros inglezes accumulára em honra e defesa do presidente Lopez, tudo isso tinha sido destruido pela acção do tempo ou achava-se arredado do caminho da expedição brasileira pelo Poder Supremo que aprecia a justiça da nossa causa e a lealdade e pureza de nossas intenções.

«Não eram ainda passadas duas horas e estava transposto o famoso baluarte.»

Tão tremendos e cheios de anciedade foram aquelles cento e poucos minutos, quanto alegres, festivos e de ardente enthusiasmo os que se lhes seguiram!

665 tiros tinham sido disparados de bordo dos nossos navios, que, com excepção do *Tamandaré* — de má sina já provada,—poucas avarias e de pequena

importancia soffreram. Diminutas, comquanto preciosas foram as perdas de vida.

A chata *Cuevas*, rebocada pelo *Colombo*, partindo-se-lhe o cabo de reboque, foi aguas abaixo e não regressou, mas nada soffreu

Uma bala inimiga, porém, atravessando o condensador da machina do *Tamandaré*, paralysou-lhe o movimento debaixo das baterias, pondo-o em condições muito criticas, além de que, se elle afundasse no canal, podia fazer mallograr a expedição.

De tão arriscada posição tirou-o o commandante do *Silvado*, o capitão de fragata Macedo Coimbra, que antes de ver o signal de almirante approximou se-lhe e o tomou a reboque.

« Tivemos de registrar, narra ainda a mencionada peça official, a morte de dous bravos marinheiros, os grumetes José Baptista dos Santos e José Francisco Calixto, e os ferimentos graves de um official e tres praças.

« O official ferido gravemente é o capitão de mar e guerra Elisiario José

Barbosa, (*) um dos bravos de Riachuelo. Perdeu um braço, e, distincção terrivel que lhe veiu de Curupaity, traz ao peito a manga esquerda de sua nobre farda.

Felizmente poucos são na armada os que se adornam com esta legitima condecoração de guerra ; porém ella concentra, nos competentes que affrontam a morte e sobrevivem, o respeito e a gratidão que se tributa aos que pereceram na lucta, victimas da honra e do dever. »

O ferimento fôra produzido pelo estilhaço de uma bala que, batendo na portinhola de EB do *Tamandaré,* partira-se, indo um pedaço d'ella dar no munhão de uma peça e, recochetando, alcançou o commandante, fracturando-lhe o humero do braço esquerdo.

(*) Na occasião em que foi ferido era capitão de fragata, posto a que tinha sido promovido a 20 de janeiro d'aquelle anno. Era, porém, capitão de mar e guerra quando foi escripto o relatorio, por ter sido promovido a esse posto em dezembro do mesmo anno ; isto é : teve em um só anno dous accessos, tal era o apreço dado aos seus serviços.

O commandante do *Silvado* sabendo, ao aproximar-se do *Tamandaré*, que o commandante d'este achava-se ferido, fez seguir para ahi, em escaler, o seu medico de bordo, o Dr. Carneiro da Rocha, que debaixo de fogo poude chegar incolome ao *Tamandaré*, afim de auxiliar o respectivo medico se fosse preciso.

Infelizmente, pouco ou nada se podia fazer n'aquellas circumstancias, nem mesmo depois da passagem, quando os encouraçados se acharam reunidos e tiveram de esperar a divisão que sob o commando do general Gurjão tinha de operar em terra, pela margem direita, de accordo com as forças navaes, e que chegou poucos dias depois.

Entretanto, solicitos e pressurosos em prestarem soccorros da sciencia ao illustre ferido, haviam concorrido a bordo do *Tamandaré* os medicos dos outros encouraçados. Nada, porém, tentaram, na esperança de evitarem a amputação; e como tivesse a esquadra de entrar em novas operações, teve o commandante do *Tamandaré* de ser transpor-

tado por terra e pelo Chaco para Porto Elisiario, onde achava-se a divisão dos navios de madeira, de que fazia parte o *Onze de Junho*, o mesmo em que fôra recolhido e operado Mariz e Barros.

Enfraquecido, obrigado a manter-se em posição forçada e curtindo atrozes dores, foi carregado em padiola pelos inferiores de bordo e acompanhado pelo 16° batalhão de infantaria, commandado pelo então major Tiburcio Ferreira, medida de precaução tomada pelo almirante contra qualquer aggressão traiçoeira do inimigo. Parte da força ia na frente, parte na rectaguarda e duas alas no centro, uma de cada lado da padiola.

Recebido pelo chefe da divisão e diversos officiaes, foi o ferido levado para o hospital. Ahi ainda, como a bordo do *Tamandaré*, discutiu-se a possibilidade de evitar-se a amputação. O ferido poz termo ás hesitações dizendo: «acabem com isto, cortem.»

O operador foi o Dr. João José Damazio, natural da Bahia, terra tambem natal do operado. Este, apenas poude embarcar, veiu para esta ca-

pital, então a Côrte, onde esteve gravemente enfermo; mas logo que se restabeleceu regressou á campanha, em que teve mais de um commando até á terminação da guerra.

. . . .

Por que differente fôra a sorte do commandante do *Tamandaré*, em frente de Curupaity, da do seu predecessor em frente de Itapirú, quando alli mais difficeis e arriscadas eram as circumstancias em que se achava ?

Por que a bala inimiga que lhe tirou o braço respeitou-lhe a vida ?

Ambos «affrontaram a morte», com a dedicação e impavidez de marinheiro que joga a vida em defesa da patria e pela honra do pavilhão, que é o seu orgulho: um foi victima, outro sobreviveu.

Por que ? Seria um presagio ?

Impenetraveis designios da Providencia, que escapam á limitada comprehensão do homem !...

Disse o arguto e espirituoso, mas por vezes paradoxal Mery, um dos mais brilhantes escriptores da geração litteraria da França que terminou com

Theophilo Gauthier: *«não se morre na vespera do dia em que se tem um grande dever a cumprir!»*

Acabam os velhos quasi sempre fatalistas; e a quem escreve estas linhas sobra idade para deixar de o ser...

Veloz corre o tempo: *fugaces anni*. Os moços da epoca, de que tenho tratado, que ainda não passaram para a região dos mortos, approximam-se agora da velhice, e nova geração já se acha formada para substituil-os.

Quantos successos neste quarto de seculo que nos separa de então!....

Com a mudança das instituições do paiz, mudada tambem foi a bandeira nacional, a bandeira gloriosa e querida, com as suas palmas symbolicas de café e fumo, substituidas hoje pelo lemma—*Ordem e Progresso*—bandeira que em Corrientes e nas margens agrestes do Paraná cobrira os corpos de Mariz e Barros, Vassinon e Silveira, como os de tantos outros, da armada como do exercito, que em terra estranha baixaram ao tumulo batalhando pelo Brasil; a bandeira

amada que accendia o ardor patriotico nos corações d'aquella mocidade inflammada, e com a qual morreu abraçado Greenalgh, a creança heroe, depois de ter abatido a seus pés, sem vida, o inimigo ousado que lh'a quiz arrebatar na abordagem da *Parnahyba,* em Riachuelo!...

Não seria de estranhar que os velhos se recordem com saudade, como de um bem perdido, desse pavilhão a cuja sombra se cobriram de louros. Mas isto não lhes entibiaria o sentimento do dever nem o amor da patria a que se prende o pundonor do militar.

Aos moços, que leccionam com o exemplo, estão elles mostrando como se serve, como se honra o pavilhão que é o symbolo da nacionalidade, seja o passado ou o presente.

Chegamos ao dia 6 de setembro de 1893. Uma parte da marinha—29 officiaes, disseram as informações fornecidas á imprensa—revoltou-se contra a auctoridade constituida.

Quaes os seus intuitos? Não me proponho averigual-os. Indico tão sómente o facto, que excitou vivamente a opinião em sentidos encontrados.

De um certo lado creou-se tal prevenção de animo, que chegou a considerar como medida politica e de segurança para o novo regimen, o enfraquecimento completo da nossa marinha de guerra, subordinando sua organisação a novos e singulares moldes, entre os quaes era o primeiro a extincção da escola naval, para se *formarem marinheiros em terra*!

O abatimento da marinha, sua fraqueza diante do exercito, como se ambos se não destinassem para um fim commum e não devessem viver confraternisados, era o pensamento e a base do novo systema. Pelo erro de alguns, deveriam todos ser punidos, mesmo com sacrificio dos mais altos interesses da Nação!

Esta ainda quente, póde-se dizer, o sangue derramado na lucta fratricida que se deu; ouvem-se ainda, por sob o crepe da viuvez e da orphandade, os soluços das familias de quantos ahi pere-

ceram ingloriamente ; vertem ainda crudelissimas lagrimas os filhos, parentes e amigos das victimas de um e outro lado; estão ainda sangrando as feridas abertas por mão de irmãos!...

Corramos denso véo sobre o pungente quadro que se nos apresenta ainda tão vivo á memoria !

ALMIRANTE ELISIARIO BARBOSA

Trouxe-nos o dia 15 de novembro do anno passado novo governo. Delle faz parte no posto de primeiro chefe da armada nacional o almirante Elisiario José Barbosa, o ex-commandante do *Tamandaré* diante de Curupaity, onde obteve

«terrivel distincção, que lhe faz trazer ao peito a manga esquerda de sua nobre farda», sobrevivendo, não para sómente conquistar «o respeito e gratidão que se tributa aos que perecem victimas do dever», mas para desobrigar-se da missão que o futuro lhe reservava....

....

Almirante Elisiario Barbosa! A bala que conferiu-vos essa *condecoração*, tirando-vos o braço e deixando-vos a vida, para que pudesseis cumprir um grande dever, impoz-vos, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade...

Maiores, mais duradouros e mais proficuos á patria do que os que, como moço, conquistastes em Riachuelo e Curupaity, são os louros que, na idade madura, vos esperam no exercicio do cargo que preencheis tão honrosamente....

Que poderei dizer-vos que não esteja na vossa consciencia e no sentimento publico?

Contempla-vos jubilosa a marinha brasileira, que se orgulha de possuir-vos em seu seio e de ter-vos por chefe supremo no momento presente.

E o Brasil, fadado pela natureza para ser a primeira potencia maritima da America do Sul, em vós tem os olhos fixos, certo de que não haveis de ficar abaixo da vossa regeneradora e brilhante missão.

General Mello Rego.